

A Igreja como espaço de humanização: Caminhos, diálogos e encontros

*Leandro Pereira dos Santos*¹

Resumo: Este artigo tem como objeto de pesquisa analisar o contexto atual de uma sociedade assolada pela pandemia Covid-19, cujos desafios são um convite para uma reflexão quanto as ideologias que são contrárias a vida. O núcleo básico desta pesquisa, para tanto, se apoia em revisitar a função da igreja cristã brasileira quanto a sua participação ativa diante das relações sociais e como a própria igreja, através de um processo de reforma, precisará se projetar na sociedade pós-pandemia, tendo como tarefa a reabilitação da integridade humana. Ainda será analisada a problemática no que concerne o fundamentalismo religioso e os desdobramentos causados por este a sociedade. Portanto, este estudo se apoiou numa metodologia de revisão bibliográfica que trata desta problematização através de conteúdos minuciosamente selecionados, tendo como fonte de inspiração a carta encíclica do Papa Francisco, “Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social”. Desta forma, este estudo tende a concluir que a missão da igreja cristã brasileira é encontrar alternativas no caminho da evangelização, assumindo sua função de ponte de ligação através do resgate do evangelho de Jesus Cristo. Tudo isto clama como uma urgência para uma reconstrução eclesial onde igreja e sociedade coexistam em harmonia.

Palavras-chave: fundamentalismo. igreja. pandemia. sociedade.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisou dois fatores presentes na atual sociedade e no cristianismo do Brasil. O primeiro, são os impactos causados pela pandemia da Covid-19 e de que maneira eles afetaram a sociedade. Para tanto, revisitamos alguns acontecimentos ocorridos no âmbito político como pronunciamentos, postura e medidas que não foram tomadas pelo governo (para obter-se o mínimo controle da calamidade) e que afetaram o povo. No Brasil, mais de meio milhão de pessoas morreram devido às complicações do coronavírus, portanto, existem responsáveis e ações que possibilitaram o alcance desse triste registro de óbitos. Tendo compreendido os desdobramentos negativos, buscamos analisar algumas alternativas de integridade social e de justiça para todos como combate contra qualquer tipo de ideologia política que seja contrária a vida do ser humano. Uma das soluções encontradas foi a urgência por uma caridade política que se coloque a serviço do bem comum, uma política que esteja comprometida com o ser humano e não com seus próprios interesses.

O segundo fator, diz respeito a ameaça do fundamentalismo religioso para a Igreja e sociedade. O artigo deixa em evidência as consequências do extremismo e do radicalismo religioso, e como a ausência de diálogo e respeito são prejudiciais para a construção de uma humanidade fraterna. A solução encontrada visa compreender de que maneira a Igreja, ao

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro - FABAT. E-mail: leandros1287@gmail.com

olhar para os desdobramentos do fundamentalismo religioso na sociedade, pode contribuir com alternativas, assumindo sua função de ponte de ligação através do resgate do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Outra solução é a importância de uma espiritualidade genuína como combate ao fundamentalismo religioso.

Com base na atual Carta Encíclica (Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social) do Papa Francisco, percorremos caminhos que possam ser inspiradores para a construção de soluções práticas e urgentes para a sociedade e Igreja. A contribuição do Pontífice é de grande valia pelo fato de ser um trabalho voltado para o interesse humanitário, religioso, social e político, cuja proposta é de diálogo, encontros e caminhos que possam ser agregadores para o bem comum.

O artigo tem como objetivo central a contribuição para um pensar teológico que seja capaz de revisitar a função da igreja cristã brasileira quanto a sua participação ativa diante das relações sociais e como a própria igreja, através de um processo de reforma, precisará se projetar na sociedade pós-pandemia, tendo como tarefa a reabilitação da integridade humana.

1 PANDEMIA E OS VESTÍGIOS DE UMA POLÍTICA OPRESSORA

No Brasil, mais de meio milhão de pessoas morreram devido às complicações do coronavírus. Os números de óbitos, de casos e os leitos superlotados são alguns dos muitos reflexos do descaso e despreparo da atual política do país. Em março do ano de 2020, foi decretado estado de calamidade pública em razão da pandemia do novo coronavírus. Desde então, são muitos os desdobramentos causados e as consequências afetam drasticamente o povo brasileiro.

Mediante essas primeiras abordagens, algumas considerações precisam ser feitas, para ser compreendido os vestígios de uma política opressora, a começar por alguns pronunciamentos do presidente em relação a pandemia: o vírus foi considerado como uma espécie de “gripezinha” e houve desdenho ao valer-se de expressões como “e daí”, “não sou cozeiro” e “país de maricas”. A insistente defesa da medicação com hidroxicloroquina como tratamento de Covid-19, mesmo com as contraindicações da ciência e do ministério da saúde, também marcou negativamente a postura do atual governo diante da crise sanitária causada pela pandemia. Outras características como autoritarismo e radicalismo são marca registrada, ocasionando um cenário de polarização generalizada. O que pode ter sido determinante para um descontrole ainda maior dessa pandemia, tenha sido o fato de o governo ter ignorado e-mails da farmacêutica *Pfizer* entre o período de 14 de agosto e 12 de setembro de 2020. A farmacêutica tinha como objetivo fazer acordo em relação a venda da vacina de sua fabricação. Estima-se que foram oferecidos dois contratos, sendo um de 30 milhões de doses e outro de 70 milhões. A série de e-mails foi entregue à CPI da Covid no Senado.² Essas questões que brevemente foram observadas, somadas ao flerte com o fascismo, o descaso com o ser

2 As informações foram obtidas pelo jornal Folha de São Paulo. Disponível em www1.folha.uol.com.br. Acesso em 21/06/2021.

humano, o ódio, a indiferença, a polarização, o discurso separatista e preconceituoso, vêm ganhando espaço no Brasil de uma maneira preocupante.

1.1 CARIDADE POLÍTICA E SOCIAL A SERVIÇO DO BEM COMUM

O Papa Francisco afirmou que uma calamidade como a pandemia da Covid-19 é a oportunidade de nos tornarmos uma “comunidade mundial”, pois ninguém é capaz de se salvar sozinho, somente é possível salvar-nos juntos. (FRANCISCO, 2020, p. 26). No entanto, quando a política (ou o político) não se importa com o todo de uma sociedade ou nação, voltando-se apenas para seus interesses próprios, ela se torna opressora e desumanizante. O Papa ainda considera que para ser possível o desenvolvimento de uma comunidade mundial é necessário que a política seja colocada a serviço do bem comum (FRANCISCO, 2020, p. 83). Consideremos a importância da política para a construção de uma sociedade e a sua relevância para a ordem da mesma, desde que não seja mesquinha e fixada em seus próprios interesses. “A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo” (FRANCISCO, 2020, p. 94). O cuidado com o bem comum, num cenário de pandemia, é o zelo pela integridade do ser humano, é a preservação da sua saúde e a busca irremediável por soluções que possam controlar a calamidade.

O Papa Francisco sugere um amor político que esteja capacitado de reconhecer todo ser humano como um irmão ou uma irmã, procurando uma amizade social que integre a todos. Para ele, esse caminho conduz à um nobre exercício de caridade, desde que seja gerado processos sociais de fraternidade e justiça para todos. Esse processo se caracteriza como caridade política (FRANCISCO, 2020, p.95), cujo objetivo é construir um sentido social que seja suficiente a superar o individualismo. O Papa Francisco ainda considera (FRANCISCO, 2020, p.96):

A caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une. Cada um é plenamente pessoa quando pertence a um povo e, vice-versa, não há um verdadeiro povo sem referência ao rosto de cada pessoa. Povo e pessoa são termos correlativos. Contudo, hoje, pretende-se reduzir as pessoas a indivíduos facilmente manipuláveis por poderes que visam interesses ilegítimos. A boa política procura caminhos de construção de comunidade nos diferentes níveis da vida social, a fim de reequilibrar e reordenar a globalização para evitar seus efeitos desagregadores.

A caridade é uma solução, um caminho a ser percorrido, visto que a pandemia colocou o ser humano numa condição de vulnerabilidade. Existe uma urgência social, um apelo por acolhimento. Contudo, apesar do fracasso político, existe uma solidariedade que brota do

coração humano, que floresce em pessoas que compreenderam a mensagem do Evangelho. Citemos o padre Júlio Lancellotti, que tem sido uma referência séria e comprometida, exemplo de esperança para uma sociedade devastada pela fome, pela miséria e pelo descaso. O padre exerce, em São Paulo, um trabalho relevante de assistência social com os moradores de rua. No entanto, tem sido acusado de ser defensor de bandidos, de marginais e de vagabundos. O fato de estar ao lado dos oprimidos causa consequências desafiadoras como diversas formas de ofensas, ameaças e ataques de políticos e religiosos, porém é suspiro para os oprimidos. O padre tem sido um representante de Cristo e da caridade social pelo fato de ter compreendido a síntese de toda lei, que está relatada no evangelho segundo Mateus, no capítulo 22, versículos 36-40, onde Jesus afirma que o primeiro mandamento é amar o Senhor de todo coração e de toda alma e ao próximo como a si mesmo. Obviamente que aqui exemplificamos a imagem do padre Lancellotti, porém é sabido que existem tantas outras referências espalhadas por todo o país, pessoas que até mesmo abdicaram de suas próprias vidas em prol do próximo.

A intenção não é banalizar totalmente a política, visto a sua importância e a sua contribuição para a construção de uma sociedade. O objetivo é pontuar as fragilidades da política atual e fazer apontamentos que sejam relevantes para uma melhor compreensão do cenário atual no país, considerando que quando está em jogo o bem dos outros, não bastam as boas intenções, menos ainda os interesses próprios. Se faz necessário realizar efetivamente as obrigações em prol do povo. As palavras do Papa Francisco em Estrasburgo, em novembro de 2014, ao discursar no Parlamento Europeu, são propícias para os dias atuais conforme afirma (FRANCISCO, 2020, p. 99):

Os políticos são chamados a cuidar da fragilidade, da fragilidade dos povos e das pessoas. Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio de um modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à ‘cultura do descarté’ (...); significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade.

Uma política eficiente tem como obrigação esse compromisso de caridade com o povo. Rubem Alves, teólogo protestante, considerou que político não faz favor, cumpre uma obrigação, e ele é eleito justamente para ser servo, empregado, serviçal do povo. No entanto, para Alves, existem políticos que se consideram “césares” romanos com poderes para distribuir favores a quem quiserem, para serem reconduzidos ao cargo pela gratidão dos eleitores, e ainda conclui que os eleitores são estúpidos justamente por elegerem “deformações” como afirma (ALVES, 2003, p. 108).

O que queremos considerar é a urgência de uma política séria, comprometida com a caridade social, com as urgências do povo, cujo o esforço seja a valorização da dignidade da pessoa humana. De fato, existe uma responsabilidade política no que diz respeito ao avanço da pandemia no Brasil, pois é evidente o fracasso governamental. Contudo, se faz necessário

resistir, lutar e se empenhar para que mudanças realmente aconteçam. O Papa Francisco sugere em sua Encíclica (FRANCISCO, 2020, p. 102):

Na política, há lugar também para amar com ternura. Em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. (...) A ternura é o caminho que percorrem os homens e as mulheres mais corajosos e fortes.

2 A AMEAÇA DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Existe ainda um outro fator que tem sido diagnosticado de forma cada vez mais crescente nas igrejas do Brasil: a ameaça do fundamentalismo religioso. Citamos aqui essa questão pelo fato dela também estar sendo fomentada por interesses políticos, alastrando práticas como o ódio, o preconceito e as polarizações. Contudo, consideremos fundamentalismo religioso como um fenômeno moderno composto por pessoas mais conservadoras de uma determinada religião, pessoas convictas de que determinado texto religioso seja literal e infalível historicamente. Geralmente esse grupo é dotado de um radicalismo extremo, são construtores de muros de separação, se fecham em suas crenças e se afastam do diálogo cultural, social e religioso. Atualmente no Brasil esse grupo é composto por políticos e religiosos que se aliaram em prol de um projeto radical e obsessivo. Para Henrique Vieira, pastor evangélico, o fundamentalismo e o extremismo religioso sufocam a beleza da espiritualidade e criam um ambiente propenso às práticas de ódio (VIEIRA, 2019, p. 57). De fato, quando determinada crença se torna intolerante, a espiritualidade fica em segundo plano e prioriza-se os dogmas como verdade absoluta. O risco é justamente a desqualificação do outro quanto as suas crenças e práticas de vida, o que fomenta justamente o ódio; por outro lado, é a espiritualidade genuína que pode ser ofuscada. O pastor Henrique ainda delimita os pontos centrais do fundamentalismo religioso cristão como afirma (VIEIRA, 2019, p. 57):

O fundamentalismo trabalha com a pressuposição da verdade absoluta revelada por uma escritura, gerando uma doutrina e uma forma de intervenção no mundo. A revelação é vista como algo que se impõe à história, não sendo passível de interpretação humana. Em tese, a revelação está no texto sagrado, então bastaria ler e tirar dali uma verdade inquestionável. Assim, essa verdade seria atemporal, atravessaria todas as épocas. Não raro, essa verdade é materializada num código comportamental rígido que não é percebido como construção histórica ou cultural, mas como vontade de Deus. Dessa forma, questionar a doutrina é questionar o próprio Deus, e a doutrina, portanto, não é passível de revisão, porque Deus não muda. Logo, bater de frente com a doutrina é bater de frente com Deus.

A problemática, portanto, do fundamentalismo é justamente as consequências causadas pela falta de diálogo com as diferenças e a ausência de revisão e questionamentos dos textos. Ao olharmos para os relatos históricos, encontramos diversas formas de atrocidade que foram naturalizadas como, por exemplo, as cruzadas, a escravidão do povo negro, a colonização das Américas, a dizimação dos povos indígenas, a submissão das mulheres, a execução das “bruxas” e tantos outros.

2.1 IGREJA DA MISERICÓRDIA COMO CASA DE ACOLHIMENTO

A questão central, diante desses apontamentos, é de que maneira a Igreja, ao olhar para os desdobramentos do fundamentalismo religioso na sociedade, pode contribuir com alternativas, assumindo sua função de ponte de ligação através do resgate do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. O Papa Francisco considera que as religiões precisam estar a serviço da fraternidade no mundo, partindo do reconhecimento do valor que cada pessoa humana tem para contribuir com a fraternidade e a defesa da justiça em sociedade. Segundo o pontífice, o objetivo é conseguir estabelecer um diálogo de amizade, paz e harmonia, partilhando de valores e experiências morais e espirituais em espírito de verdade e amor (FRANCISCO, 2020, p. 139).

No Brasil, esse diálogo se torna cada vez mais urgente, mediante as consequências trágicas do fundamentalismo religioso. Uma delas é a propagação da intolerância religiosa como ato de discriminação, ofensa e até mesmo perseguição contra outras religiões e religiosos. Existe um ódio polarizado contra cultos, práticas, liturgias e crenças. Atualmente, no Brasil, são as religiões de matrizes africanas que mais sofrem com práticas discriminatórias, o que também está atrelado ao racismo. A xenofobia, antipatia aos estrangeiros, também está relacionada a intolerância religiosa. Consideremos que a religião, historicamente, está vinculada a uma cultura, a um determinado povo. Neste caso, geralmente são os muçulmanos que sofrem ataques preconceituosos pela referência ao terrorismo. Contudo, é preciso considerar que o próprio terrorismo está vinculado a pessoas radicais e extremistas, uma parcela mínima de fundamentalistas religiosos que, fazem muito barulho, causam muitos estragos e mancham a imagem dessa religião. A homofobia é outro problema humanitário, social e religioso. No Brasil são inúmeros os casos de homicídios, assassinatos, torturas e perseguições a LGBTQI+. Segundo levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no ano de 2020 houve aproximadamente 237 vítimas da homotransfobia no Brasil. Essas poucas considerações são um convite para uma reflexão como afirma (FRANCISCO, 2020, p. 141):

A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe. E como Maria, a mãe de Jesus, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para construir pontes, abater muros, semear reconciliação.

Uma Igreja misericordiosa, que compreendeu a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, tem como obrigação ser casa de acolhimento, tem de ser participativa no combate a intolerância religiosa, ao racismo, a xenofobia, a homofobia e aos diversos atos de injustiça e desvalorização do ser humano. A sugestão do Papa Francisco é para que a Igreja seja casa de comunhão, pois esta é uma só para todos. É como uma família. Igreja como casa que acolhe a todos, sem rejeitar os pecadores. A Igreja não afasta, está aberta aos distantes. Igreja como casa de harmonia, visto que não se pode crescer sozinho, caminhar sozinho, isso somente é possível em comunidade. A Igreja é a casa de todos, todos são filhos da Igreja e todos tem o direito de viver nessa casa. A Igreja não é um grupo de elite, não se fecha para o ser humano em sua necessidade, seja qual for seu gênero, pois sempre tem de estar aberta a todos, sem distinções, como afirmou o Papa Francisco (FRANCISCO, 2014, p. 27-34).

2.2 ESPIRITUALIDADE GENUÍNA EM COMBATE AO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

A importância de uma espiritualidade genuína também tem um significado importante nessa participação contra o fundamentalismo. No Brasil, assistimos ao crescimento de um projeto de poder de vocação autoritária, antilaico e antidemocrático, com forte viés religioso, como observado pelo pastor Henrique Vieira, analisando ainda que esse projeto de poder pretender usar o Estado para impor à sociedade o conjunto de crenças da sua doutrina. Ele ainda ratifica que este projeto está vinculado a setores que não conseguem lidar com a diversidade (VIEIRA, 2019, p. 64). Contudo, se as práticas de ódio e poder são uma ameaça, “a espiritualidade é abertura e dispositivo para fazermos do mundo um lar, da humanidade uma família, da natureza nossa mãe, religando-nos com a experiência mais profunda e legítima de Deus” conforme afirma (VIEIRA, 2019, p. 71).

É preciso compreender que Deus não é uma verdade fechada em um texto e não precisa ser defendido contra “hereges”. Amar a Deus é saber que não podemos controlá-lo e que Ele sorri para outros povos, culturas e religiões (VIEIRA, 2019, p. 50). Quando compreendemos que não somos donos de Deus e que Ele não é nossa propriedade exclusiva, olhamos com mais afetividade e respeito para o outro em sua diversidade e liberdade. O pastor Henrique considera a espiritualidade como (VIEIRA, 2019, p. 50):

A capacidade de fazer perguntas sobre o sentido da vida e desenvolver narrativas que apontem para a transcendência da experiência humana. Espiritualidade é um fenômeno humano, típico e próprio de quem vive e morre e tem consciência dessa finitude. A espiritualidade é saber que não se sabe tudo. É o vazio, o eco, a lacuna, a ausência e, acima de tudo, a saudade. A espiritualidade nasce da saudade daquilo que ainda não vivemos. Esse é o ponto central.

A espiritualidade, então, é abertura enquanto o fundamentalismo é o fechamento. A espiritualidade se move nas perguntas enquanto o fundamentalismo nas certezas irretocáveis. A espiritualidade é a experiência da contemplação, o fundamentalismo é doutrina. A espiritualidade se move no amor e na liberdade, o fundamentalismo na culpa e no medo.

A espiritualidade transita nas diferenças e percebe a diversidade como expressão sagrada, o fundamentalismo vê a diversidade como maldição. Logo, conclui-se, que a experiência religiosa é saudável quando alimenta a espiritualidade sem sufoca-la (VIEIRA, 2019, p. 65).

CONCLUSÃO

A partir destas considerações, conclui-se que a Igreja tem um papel fundamental diante de uma sociedade assolada pela polarização política e pelo fundamentalismo religioso. Na primeira análise, consideramos os muitos desdobramentos e consequências causados pela fragilidade política diante da calamidade sanitária causada pela Covid-19 e observamos a urgência por uma construção política baseada no amor e na caridade social. Contudo, existe uma urgência quanto a função da igreja cristã brasileira e a sua participação ativa diante das relações sociais e como a própria igreja, através de um processo de reforma, precisará se projetar na sociedade pós-pandemia, tendo como tarefa principal a reabilitação da integridade humana e a sinalização do Reino de Deus como proposto nos evangelhos.

Percebeu-se a ameaça do fundamentalismo religioso para a sociedade e o perigo do extremismo e do radicalismo, que cada vez mais ganham força nas comunidades cristãs. A conclusão que chegamos é o fato desse movimento ser um projeto de poder agravante para a propagação do ódio e do preconceito, pois a ausência de diálogo e respeito com as diferenças distancia cada vez mais o ser humano da comunhão eclesial e o coloca em uma posição de vulnerabilidade diante da sociedade. Como solução, observamos a urgência pelo resgate da integridade humana em sua liberdade de expressão, e declaramos a importância do respeito mútuo pelo próximo. Portanto, se faz necessário pensar como o Papa Francisco afirma (FRANCISCO, 2020, p. 143):

Existe um direito humano fundamental que não deve ser esquecido no caminho da fraternidade e da paz: é a liberdade religiosa para as pessoas que creem de todas as religiões. Essa liberdade manifesta que podemos encontrar um bom acordo entre culturas e religiões diferentes; testemunha que as coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível identificar um caminho de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos porque somos filhos de um único Deus.

A prática de uma espiritualidade que esteja desassociada a doutrinas e dogmas opressores também é um exercício que pode contribuir para um esvaziar-se de si mesmo em direção ao próximo. No entanto, consideramos novamente a urgente participação da Igreja como casa de acolhimento para que todos possam ser vistos como irmãos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Quarto de badulaques*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Paralela, 2014.
- FRANCISCO, Papa. *Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.
- VIEIRA, Henrique. *O amor como revolução*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.